

A extorsão brasileira

The Wall Street Journal

NOVA YORK – Há algumas semanas, a comunidade financeira internacional vem aguardando um pacote de “reforma fiscal” por parte do recém-reeleito presidente do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Colocar o déficit fiscal sob controle há muito tem sido considerado um pré-requisito necessário para estabilizar o real brasileiro, que tem câmbio fluutuante em relação ao dólar americano, com depreciação regular por paridade móvel deslizando. E a reforma fiscal também foi considerada necessária para que o Brasil atraia a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O pacote finalmente chegou, mas oferece pouca esperança de que o Brasil possa acabar com o imenso déficit federal e lançar as fundações para uma verdadeira estabilidade da moeda. O pacote de reforma fiscal de Fernando Henrique – uma proposta que deve ser aprovada pelo Congresso – atinge um total de cerca de R\$ 28 bilhões (US\$ 23 bilhões).

Cerca da metade disso é a tradicional prescrição de aumento do impostos do FMI e está claro que, com a economia marchando para uma recessão, as receitas dos aumentos de impostos talvez nunca se concretizem, mas isso não importa.

A outra metade são cortes de despesas, alguns deles podendo ou não se concretizar porque precisam ser aprovados pelo Congresso. Mesmo assim, essas medidas compõem apenas uma fração do que é necessário e fica faltan-

do um senso de premência.

Em vez disso, o que a proposta sugere é que o FMI tem o mundo em tal confusão que perdeu o poder de impor “condicionalidade”. De fato, enquanto o Fundo Monetário Internacional for visto como tendo os recursos para acertar tudo e a alternativa – isto é, a não-ajuda do FMI – não puder ser levada em considera-

ção por medo de um “colapso global”, os governos com excesso de peso retardarão as reformas.

Com a desvalorização das moedas espalhando-se como um ras-

tilho de pólvora em torno do planeta e o Brasil sendo considerado como “grande demais para falir”, o Fundo Monetário Internacional prepara-se para ser extorquido. Os mercados, como um banqueiro nos disse no início de outubro, estão esperando um pacote do FMI.

A moeda brasileira é considerada uma parede corta-fogo que protege as Américas de uma desintegração que irá arruinar a região e o mundo.

Atualmente, as linhas de crédito do FMI são vistas universalmente como a escora para tal parede corta-fogo. De fato, os mercados latino-americanos estabilizaram-se no momento em que o apoio multilateral pareceu mais assegurado. Quando Fernando Henrique entregou sua proposta, o FMI já tinha se comprometido e a condicionalidade ficou sendo pouco mais do que um ritual. Com tanta coisa dependendo das linhas de crédito do FMI, qualquer coisa que o Brasil apresentas-

se certamente seria endossada sem questionamentos.

Nesse momento, o FMI enfrenta um dilema clássico. Sem as altamente aguardadas linhas de crédito, um outro ataque ao real brasileiro e uma outra rodada de convulsões financeiras serão quase certos. Mas vale a pena notar que, gostemos ou não, a idéia de condicionalidade e disciplina vinda do FMI está agora oficialmente morta. Ou o Brasil obtém o dinheiro, ou todos nós sofreremos as consequências.

O Brasil não tem armas nucleares, mas hoje em dia temos uma imagem do ministro da Fazenda brasileiro, Pedro Malan, postado no Brasil com o dedo em cima do botão “vermelho”, ameaçando mandar nós todos para o beleléu, se o FMI não repassar o dinheiro.

É claro que serão os brasileiros que sofrerão primeiro e mais sofrerão com a desvalorização, a inflação resultante e a possível recessão. Mas em vez de empreender as duras lutas políticas com o Congresso e as autoridades dos Estados brasileiros, o presidente Cardoso e o ministro Malan acreditam que podem ganhar em um jogo de covardia com o

FMI, obtendo os empréstimos para defender o real, sem aceitar o corretivo para uma moeda estável.

Naturalmente, é uma nova espécie de risco moral

que vem crescendo nos mercados internacionais e teve seu início com a desvalorização da moeda e o socorro financeiro ao México.

No mundo surreal no qual o FMI nos jogou, em vez de o Fundo ameaçar reter o crédito do Brasil até que o país coloque sua casa fiscal em ordem, é o Brasil que ameaça o FMI e os mercados.

Malan ameaça mandar a todos para o beleléu se o FMI não repassar o dinheiro

Os brasileiros sofrerão primeiro com a inflação e a recessão